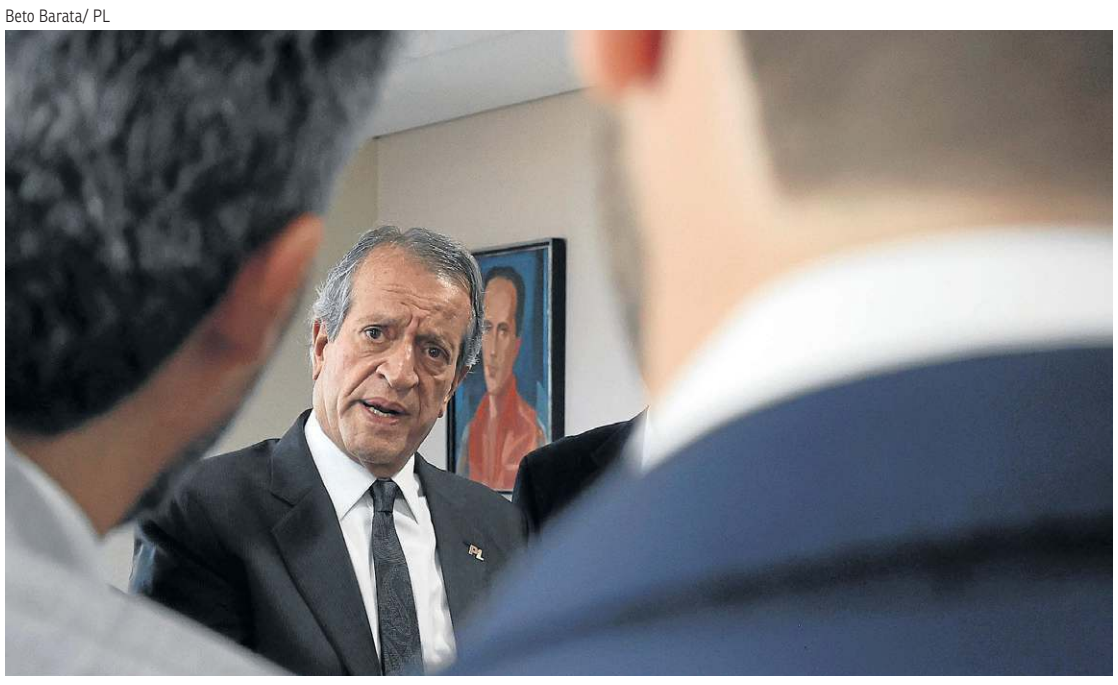
PODER

Ninguém aprovou a carta, diz Valdemar

Presidente do PL criticou a postagem em que Flávio Bolsonaro levantou suspeitas sobre a lisura das urnas, declarou-se "presidente eleito" e, depois, "líder do Brasil"

» DANANDRA ROCHA

Beto Barata/ PL



O dirigente defendeu que o partido concentre esforços nos próximos passos: "Queremos tocar o país para frente"

O presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, afirmou ontem que não gostou da carta divulgada pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) após sua chegada a Miami, nos Estados Unidos. Ao deixar a residência onde o ex-presidente Jair Bolsonaro cumpre prisão domiciliar, em Brasília, o dirigente declarou que ninguém na legenda aprovou o documento e defendeu que o partido concentre esforços nos próximos passos. "Queremos tocar o país para frente", afirmou.

Na chegada ao condomínio, Valdemar já havia demonstrado insatisfação com o conteúdo da carta. Questionado por jornalistas, respondeu: "Não gostei, não gostei". Na saída, ampliou a manifestação e deixou claro que a publicação não representava uma posição aprovada pela direção partidária.

A reação do dirigente expôs o desconforto da cúpula do PL com a iniciativa do senador. Na carta, Flávio contestou o resultado do segundo turno presidencial e se apresentou inicialmente como o "verdadeiro presidente eleito do Brasil". Depois da repercussão, o texto foi alterado, e o parlamentar passou a se definir como "líder do Brasil".

Outro ponto abordado pelo presidente do PL foi a saída de Flávio do Brasil. Segundo Valdemar, Jair Bolsonaro não tinha conhecimento prévio da viagem do filho. O dirigente afirmou que também não sabia que o senador deixaria o país. "Nem o Bolsonaro sabia, ninguém sabia, eu também não sabia", sustentou.

Flávio esteve com o pai na segunda-feira, antes de seguir para os Estados Unidos. Inicialmente, Valdemar deu uma resposta que sugeria uma despedida. Ao ser questionado se o senador havia contado que viajaria, porém, corrigiu a informação e afirmou que não havia sido avisado. Segundo o relato do dirigente, a visita ocorreu sem que ele soubesse dos planos de Flávio de deixar o Brasil.

A viagem aconteceu depois de uma determinação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), para que Flávio entregasse os passaportes à Polícia Federal. O senador deixou o país pela fronteira com a Argentina e embarcou em um avião particular, com escala no Equador, antes de chegar à região de Miami.

Durante a conversa com os jornalistas, Valdemar também comentou a situação de Jair Bolsonaro — condenado a 27 anos de prisão e outros crimes. Segundo ele, o ex-presidente estava bem, mas enfrentava um momento difícil diante das circunstâncias pessoais e dos problemas envolvendo os filhos.

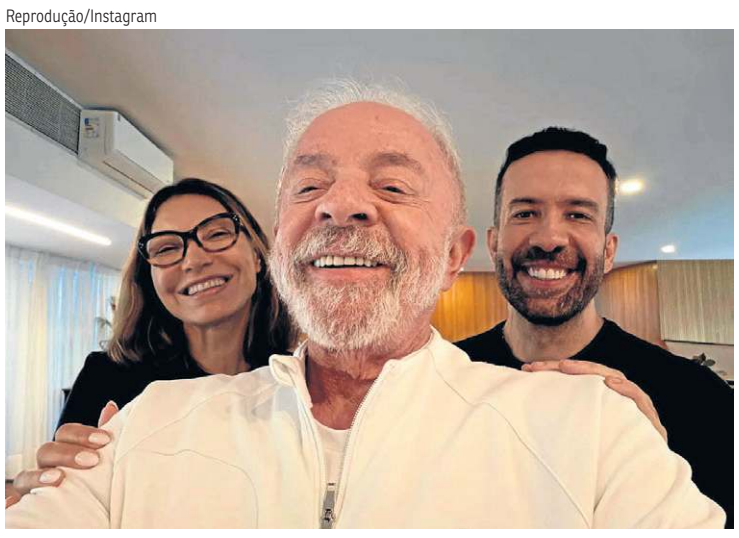
Valdemar afirmou ainda que tinha diversos assuntos para tratar com Bolsonaro. Entre os temas estavam o cenário político depois das eleições e o desempenho do PL nas disputas estaduais e legislativas.

A reunião ocorreu em meio às discussões sobre os próximos passos da legenda e a reorganização de suas lideranças para o período seguinte ao pleito.

Janones prefere ficar na Câmara

» VICTOR CORREIA

Reprodução/Instagram



Janones gravou com Lula o anúncio de um "pronunciamento à nação"

Destaque na campanha presidencial, o deputado federal reeleito André Janones (Rede-MG) almoçou, ontem, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio da Alvorada. A conversa tratou do futuro de Janones no governo Lula 4. O mineiro é cotado para assumir uma nova secretaria, com status de ministério, mas a ideia ainda é preliminar. A jornalistas, o parlamentar disse que seguirá a determinação do presidente, mas sinalizou que prefere atuar dentro do Congresso.

"Estou debaixo da liderança do presidente Lula. Então, não posso nem tomar a decisão de aceitar nem a de não aceitar sem falar com ele. Preciso ouvi-lo primeiro, e a gente vai entender onde eu posso somar mais com o Lula 4", declarou Janones a jornalistas ao chegar ao Alvorada.

Questionado se aceitaria um convite, ele desviou. "Eu, por vontade própria, não entendo que um ministério é onde eu posso ajudar mais o presidente Lula", respondeu. "Posso ajudar muito como deputado, acho que o presidente vai precisar de muita força no Congresso", argumentou, citando o crescimento da extrema-direita no Parlamento.

Janones ganhou força como possível ministro por sua atuação no "Exército do Lula", canal do WhatsApp que coordenou nas redes sociais a campanha vitoriosa no segundo turno. Ele é apontado como um dos principais responsáveis pela virada surpreendente do petista.

A ideia que circula na Esplanada é a da criação de uma secretaria especial de comunicação digital, que teria status de ministério. Para assumir o cargo, Janones teria de se licenciar da Câmara, mas sem perder o mandato.

O parlamentar aproveitou a visita para gravar, com Lula, o anúncio de um "pronunciamento à nação", que será feito na semana que vem. Em suas redes sociais e no Exército do Lula, o presidente disse que ainda está recuperando a voz, desgastada no período de campanha, mas que fará o pronunciamento e defenderá a manutenção do canal no WhatsApp.

"Boa tarde, Exército do Lula e do Janones. Vocês estão percebendo que eu estou com a minha voz muito rouca. Estou tendo pouca atividade esta semana até recuperar minha voz. Na próxima semana, pretendo fazer um pronunciamento à nação. Mas também na próxima semana, quero que o meu exército volte à atividade plena", disse Lula.

O cenário repete as eleições de 2022, quando Janones também teve papel importante na mobilização digital da campanha. Ele ficou conhecido por enfrentar integrantes da extrema-direita com grande capilaridade nas redes sociais, como o deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) e o agora senador eleito Carlos Bolsonaro (PL-SC).

À época, Janones foi cotado para assumir a Secretaria de Comunicação Social (Secom) da Presidência, mas não assumiu cargo no governo. Ele sofreu forte resistência do PT, por seu estilo combativo e por envolvimento em escândalos. Agora, deve receber um convite para se filiar ao partido de Lula.

Em 2025, Janones fechou um acordo com a Procuradoria-Geral da República (PGR) e admitiu a prática de rachadinha em seu gabinete entre 2019 e 2020, e se comprometeu a pagar R$ 157,8 mil em reparação à Câmara, além de multa.

O deputado também é acusado pela ex-esposa, a prefeita de Ituiutaba (MG), Leandra Guedes, de ter ameaçado divulgar imagens íntimas dela. Ela conseguiu, em 2025, uma medida protetiva contra o parlamentar. O caso ainda está em andamento, sob sigilo.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

Trump mantém críticas às eleições, porém anuncia que conversará com Lula

A fuga de Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos foi politicamente desastrosa aqui no Brasil. Derrotado nas urnas, o senador tinha condições de disputar o comando de uma oposição numerosa, com força no Congresso e nos estados. Ao deixar o país e divulgar uma carta na qual se proclamava "verdadeiro presidente eleito do Brasil", transformou esse patrimônio numa crise de credibilidade. O recuo, substituindo a expressão por "líder do Brasil", agravou o constrangimento. Sua iniciativa não encontrou sustentação entre seus próprios aliados nem teve respaldo da Casa Branca.

A carta pretendia conferir dimensão histórica à saída do país. As comparações com personagens que enfrentaram ditaduras e organizaram resistências no exílio procuravam converter um problema judicial em missão política. Mas a autoproclamação produziu o efeito contrário. Em lugar de estabelecer uma liderança incontestável, obrigou os apoiadores a escolher entre acompanhar uma aventura ou preservar sua participação nas instituições brasileiras. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e o próprio presidente do PL, Valdemar Costa Neto, reconheceram a eleição de Lula com um "bola pra frente".

Todos os integrantes do grupo político de Flávio disseram ter sido surpreendidos pela fuga. Verdade ou não, depois vieram as manifestações em defesa do resultado eleitoral. Rogério Marinho, coordenador de sua campanha, tratou a carta como desabafo e reconheceu que faltavam provas para sustentar a acusação de fraude. Tarcísio de Freitas defendeu o respeito às urnas. O próprio PL reconheceu o resultado.

A tentativa de atribuir as versões contraditórias da carta a problemas na utilização de inteligência artificial, por Paulo Figueiredo, um dos mais radicais aliados de Flávio, só aumentou o desgaste. O que acabou chegando à Casa Branca. Integrantes da administração republicana consideraram inviável a pretensão de Flávio de apresentar-se como presidente eleito e pressionaram pelo recuo. Há uma diferença entre acolher um aliado e reconhecer um governo paralelo. A carta tentou atravessar essa fronteira.

Entretanto, o episódio não está encerrado. Segundo reportagem do *New York Times*, Jason Miller, funcionário da Casa Branca, providenciou o avião utilizado pelo senador, em articulação com Eduardo Bolsonaro. A entrada da família sob autorização migratória temporária teria ocorrido por ordem de Donald Trump. A operação, portanto, teve participação de integrantes do governo norte-americano.

Essa proteção assegura a Flávio condições para continuar atuando do exterior, embora não lhe restitua automaticamente a autoridade perdida entre os aliados. O bolsonarismo mantém expressão eleitoral, organização e capacidade de mobilização. Sua fuga pode enfraquecer o candidato, mas não deixou baratinada a oposição. Confundir essas duas coisas subestima a oposição, que continuará explorando os conflitos com o Supremo e as dificuldades econômicas enfrentadas pelo governo Lula.

Decantação

Trump age com ambiguidade: ainda não reconheceu formalmente a vitória de Lula, continua desqualificando a eleição e lança suspeitas sem apresentar provas. Ao mesmo tempo, declarou que pretende conversar com o presidente brasileiro e parabenizá-lo. A disposição para o contato abre uma possibilidade de acomodação, mas convive com declarações que alimentam a narrativa do candidato derrotado.

A orientação do Itamaraty é não estressar a relação ainda mais. Cobrar publicamente um reconhecimento poderia transformar a hesitação de Trump numa disputa pessoal, oferecendo a Flávio a centralidade que perdeu no Brasil. A legitimidade de Lula decorre das urnas e das instituições brasileiras, daí o amplo apoio internacional que sua eleição obteve. O governo pretende preservar as negociações comerciais, manter os canais diplomáticos e dar tempo para que Washington absorva a derrota de seu aliado.

O termômetro das relações será o possível encontro entre Mauro Vieira e Marco Rubio, à margem da reunião de chanceleres do G20, em Atlanta. Até agora, não há confirmação de uma bilateral. Principal interlocutor do bolsonarismo na administração Trump, Rubio representa a vertente mais ideológica da política norte-americana para a América Latina e sua aposta no fortalecimento da direita sul-americana. Uma conversa permitirá avaliar quanto espaço haverá para o pragmatismo. Se a fuga de Flávio Bolsonaro foi um fiasco político, o Itamaraty ainda opera para impedir que esse fracasso seja convertido numa crise duradoura entre os dois países.

No Congresso, enquanto bolsonaristas e petistas se digladiam, está em curso um realinhamento de forças operado pelo Centrão. Na Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB) tenta manter o controle da Casa e isola o PL, que tem a maior bancada. No Senado, uma luz amarela foi acesa porque uma ala do PL resolveu tentar um acordo na eleição de Davi Alcolumbre (União-AP) em troca da aprovação de um indulto para Jair Bolsonaro, o que já foi criticado pelo senador eleito Rui Costa (PT-BA). Enquanto as conversas rolam nos bastidores do Senado, governistas e bolsonaristas sobem o tom dos ataques na Câmara. De um lado, o deputado André Janones (Rede-MG), general do "Exército de Lula; de outro, Nikolas Ferreira (PL-MG), com sua "Turma do Flávio".

